

Há 100 anos mulheres entre mulheres



texto Simona Brambilla*

Nós, missionárias da Consolata, celebramos este ano 100 anos de fundação. É tempo de agradecimento, de memória, de relançamento dos valores que formaram as bases da nossa família religiosa. A atenção privilegiada ao mundo feminino é uma das características que sempre nos acompanhou desde o início. Enviadas à África, América, Europa e Ásia, o contacto com a mulher representou sempre para nós uma prioridade apostólica. Como mulheres, temos uma inclinação natural para compreender e entrar em empatia com a vivência feminina. Ao mesmo tempo, acreditamos que a mulher possui uma capacidade particular de transformar o ambiente, para captar, defender e cultivar os sinais de vida. Neste sentido, a mulher é, por excelência, educadora e, por isso mesmo, evangelizadora de modo eminente.

Cada mulher de quem nos aproximamos está inserida numa realidade pessoal, familiar e cultural. Este contexto é o ponto de partida para toda e qualquer actividade de promoção humana. Daí a nossa determinação em investir tempo e energia no conhecimento das diferentes dimensões desta realidade. A cultura em que a mulher se insere, exerce uma enorme influência sobre o modo de perceber e interpretar os pequenos ou grandes acontecimentos da vida. Ela determina os padrões, as regras e os modelos que permitam interpretar a realidade que envolve a mulher. Conhecer e respeitar a cultura é indispensável para quem pretende

aproximar-se da pessoa humana com suficiente liberdade e com uma atitude, na medida do possível, liberta de preconceitos.

O grupo familiar e social, no qual a mulher se insere, constitui o universo em que ela vive. Será, porventura, o ponto de referência mais importante do qual se deve partir. A personalidade de cada mulher é única e diferente de qualquer outra. Daí que cada uma tenha o seu próprio modo de relacionar-se com a cultura, com o grupo familiar e social, com os outros e com a realidade que a envolve. A nossa missão ao serviço da mulher assume formas diferentes, de acordo com o contexto em que se desenvolve. Porém, o objectivo principal é sempre

Um provérbio africano reza assim: “Quem educa uma mulher, educa uma aldeia”. Tendo plena consciência do papel fundamental e específico da mulher na transformação da sociedade, as Missionárias da Consolata, mulheres entre as mulheres, querem continuar a caminhar pelos caminhos do mundo como “amigas da vida”

o mesmo: favorecer o crescimento da mulher a todos os níveis, tendo como ideal a visão cristã da pessoa. Esta perspectiva determina os métodos e os itinerários formativos que percorremos com a mulher.

É um caminho que tem em conta os valores evangélicos e a realidade concreta em que ela vive.

Não é possível descrever aqui as diferentes actividades efectuadas com grupos de mulheres do Quênia, Tanzânia, Etiópia, Djibuti, Moçambique, Libéria, Guiné-Bissau, Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Estados Unidos, Mongólia e de vários países da Europa. Mas é possível assinalar pontos comuns dessas vivências. Entre outros, citamos o trabalho em equipa, o repartir as responsabilidades, o caminho que se faz caminhando com elas, o esforço para evitar a formação de elites, envolvendo as mulheres de todas as camadas sociais.

Um provérbio africano reza assim: “Quem educa uma mulher, educa uma aldeia”. Tendo plena consciência do papel fundamental e específico da mulher na transformação da sociedade, as Missionárias da Consolata, mulheres entre as mulheres, querem continuar a caminhar pelos caminhos do mundo como “amigas da vida”. Estão persuadidas que a energia característica do “génio feminino” oferece um contributo pleno para a construção do Reino de Cristo, Aquele que veio para que “tenhamos a vida e a tenhamos em abundância”. ●

* Conselheira geral das Missionárias da Consolata